

O *chunk* [sei lá] em duas construções do português contemporâneo do Brasil

The *chunk* [sei lá] in two constructions of contemporary Brazilian Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira¹

Cristian Matias do Nascimento Corrêa²

Resumo: Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022), investigamos dois padrões construcionais que recrutam o *chunk* [sei lá] no português contemporâneo do Brasil: a construção marcadora discursiva (MD) [VLoc] e a construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN}. A partir de levantamento empírico no *Corpus do Português* e no *site X*, pesquisamos 348 contextos em que ambos os padrões referidos são instanciados. Constatamos que [sei lá] como marcador discursivo tem a mais alta produtividade, com 312 registros, na expressão de sentido de atenuação, incerteza ou descomprometimento. Já como integrante da construção de predicado nominal, em somente 15 dados do *site X*, [sei lá] passa a atuar como atributo do sujeito, na expressão de estado emocional vago e incerto do locutor. Assumimos que o *chunk* [sei lá]_{MD} tem propriedades semântico-sintáticas que motivam, via analogização, nos termos de Bybee (2016 [2010]) e Trousdale (2021 [2013]), o esquema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Constatamos ainda 21 contextos ambíguos, a meio caminho entre a marcação do discurso e a predicação nominal.

Palavras-chave: [Sei lá]. Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção gramatical. Marcador discursivo. Predicado nominal.

Abstract: Based on Usage-Based Linguistics, as defined by Rosário (2022) and Rosário and Oliveira (2016), two constructional patterns that recruit the chunk [sei lá] in contemporary Brazilian Portuguese are investigated: the discourse marker construction (MD) [VLoc] and the nominal predicate construction [(S) V_L (X) P]_{OPN}. From an empirical survey in the *Corpus do Português* and on *site X*, we researched 348 contexts in which both referred patterns are instantiated. We found that [sei lá] as a discourse marker has the highest productivity, with 312 occurrences, expressing attenuation, uncertainty, or non-commitment. As part of the nominal predicate construction, in only 15 instances from *site X*, [sei lá] acts as an attribute of the subject, expressing the speaker's vague and uncertain emotional state. We assume that the chunk [sei lá]_{MD} has semantic-syntactic properties that motivate, through analogy, according to Bybee (2016 [2010]) and Traugott and Trousdale (2021 [2013]), the schema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. We also found 21 ambiguous contexts, halfway between discourse marking and nominal predication.

Keywords: [Sei lá]. Usage-based linguistics. Grammatical construction. Discourse marker. Nominal predicate.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mariangelarios@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: cristiancorrea@id.uff.br.

Introdução

Neste artigo, investigamos contextos de instanciação de [sei lá] ilustradores de dois esquemas construcionais do português contemporâneo do Brasil. Trata-se de usos em que tal construção, na condição de um *chunk* (cf. Bybee, 2016 [2010]), se encontra altamente vinculada, em termos de conteúdo e de forma, na expressão de sentido geral negativo, indefinido ou pouco relevante.

Estamos nos referindo a dois padrões de uso como os seguintes:

(1) Mas ser assexual não é ser doente, assexualidade não é uma doença ou um problema físico; Mais estranhamente ainda... pode até ser... se você achar, quiser, ou pensar que é conveniente... pode dizer que sua assexualidade decorre de um problema de saúde... *sei lá*... coisas dos hormônios... Mas bem... isso não te torna doente, não é? Para toda e qualquer circunstância na qual você se identifica como assexual você não é doente... sua doença é indiferente ao seu "sentimento" assexual... (agora a assexualidade deixa de ser "orientação sexual" e passa a ser um estado de espírito ou uma construção psicológica. Se você realmente é doente... então você não deve ser assexual... vá em um médico... procure se tratar... (CdP).³

(2) tô tão *sei lá* ultimamente (site X, @giosantf. Publicado em: 5/02/2024).

Como podemos observar, em (1), a cena comunicativa gira em torno da argumentação de um internauta acerca da assexualidade. Ele discorre sobre o tema a partir da declaração de que "ser assexual não é ser doente" e, na sequência do enunciado, faz uma retificação e diz que "pode até ser", demonstrando ponto de vista pouco definido. Nesse contexto de uso, *sei lá* marca o discurso como atenuação do que está sendo comentado, na proteção da face de quem faz a declaração. O caráter de certeza, mesmo que limitado, do verbo "saber" persiste na forma verbal "sei"; por sua vez, o pronome locativo "lá" acrescenta uma dimensão de distanciamento ou indefinição, sugerindo que a resposta para a questão em pauta não está imediatamente acessível ou definida. Trata-se da instanciação prototípica do marcador discursivo (MD) [sei lá], uma microconstrução⁴ do esquema mais virtual de marcação do discurso formado por verbo e pronome locativo, codificado como [VLoc]_{MD} e pesquisado mais especificamente em termos construcionais por Teixeira (2015).

No excerto (2), o internauta publica na rede social X como tem se sentido ultimamente. Prototipicamente, o predicado formado pelo verbo de ligação "estar" na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, reduzido para "tô" seguido do advérbio "tão", que cumpre papel de focalizador, tem a configuração de estrutura que, na posição seguinte, seria preenchida por adjetivo, como, por exemplo, *triste, feliz, alegre, chateada*, etc. Mas em seu

³ Disponível em: <http://a2forum.forumeiros.com/t33p15-ola-cheguei-e-mais-alguns-caracteres-para-completar-o-minimo-exigido>.

⁴ Construção totalmente especificada em seus elementos constitutivos, o nível mais elementar de uma construção.

lugar é instanciado o *chunk* [sei lá], que, nesse contexto específico, cumpre função atributiva, na expressão de incerteza acerca do estado emocional ou psicológico do locutor, modalizando epistemicamente seu discurso (Neves, 2000, p.190). Em (2), temos [sei lá] atuando em um esquema de predicação nominal, ocupando a subparte predicativa do referido esquema, no papel de atributo do sujeito, tal como um adjetivo, conforme a seguinte codificação: [(S) V_L (X) P]_{OPN}⁵.

Nosso objetivo geral é levantar e investigar os dois padrões de uso de [sei lá] como ilustrados em (1) e (2), na detecção da produtividade e das propriedades construcionais destes construtos⁶ no português contemporâneo do Brasil. Partimos da hipótese de que o *chunk* [sei lá] constitui uma microconstrução do esquema geral [VLoc] de marcação do discurso e que, por conta de seus traços semântico-sintáticos, é recrutado para preencher a subparte predicativa na construção [(S) V_L (X) P]_{OPN} via analogização⁷, nos termos de Bybee (2016). Nesse sentido, assumimos que [sei lá]_{MD} é uma microconstrução mais produtiva e mais convencionalizada em relação a [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}.

Para dar suporte às análises, nos fundamentamos no aparato teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Tal viés analítico alia aos pressupostos funcionalistas da vertente norte-americana a abordagem construcional da gramática, de viés cognitivista, na linha de Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Hilpert (2014) e Bybee (2016 [2010]), por exemplo. No Brasil, essa base teórica se encontra em Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022) e Oliveira e Lopes (2023), entre outros. Em termos metodológicos, adotamos o método misto (Cunha Lacerda, 2016), já clássico na pesquisa em LFCU, que alia o tratamento qualitativo dos dados, fundado na análise interpretativa dos contextos de uso, ao tratamento quantitativo, voltado para a investigação da produtividade e da frequência de tais usos. Selecionamos como base empírica a versão *web/dialetos* do *Corpus do Português*⁸ (CdP), na qual levantamos 148 dados, e a rede social *X*⁹, antigo *Twitter*, para a seleção de 200 dados, totalizando 348 exemplares analisados.

Dividimos este artigo em três seções mais amplas. Na primeira, nos dedicamos às duas subpartes que formam o *chunk* [sei lá] – o verbo “saber” e o advérbio locativo “lá”, suas propriedades semânticas e morfossintáticas. Na segunda seção, trazemos os fundamentos teóricos da LFCU que alicerçam a pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados. A terceira seção se volta para a análise quali-quantitativa dos dados coletados como

⁵ [(S) V_L (X)P]_{OPN}: Esquema abstrato da oração de predicado nominal, em que (S) é o sujeito, que pode ou não ser preenchido; V_L, o verbo de ligação; (X), uma subparte que pode ser ou não preenchida; P, o predicativo.

⁶ Termo usado na referência a uma instância de uso construcional, o *token* empiricamente atestado.

⁷ Processo cognitivo pelo qual novos enunciados são produzidos a partir de esquemas já disponíveis na língua, nos termos de Bybee (2016 [2010]).

⁸ www.corpusdoportugues.org.

⁹ www.twitter.com.

instanciações dos esquemas mais amplos [VLoc]_{MD} e [(S) V_L (X) P]_{OPN}. Por fim, tecemos nossas considerações finais e as referências bibliográficas em que nos pautamos.

O verbo *saber* e o locativo *lá* no português

A etimologia do verbo *saber* remonta ao latim *sapere*, que originalmente significava "ter gosto, sabor" e, posteriormente, desenvolveu metaforicamente o significado de "ter conhecimento, compreender". Esse verbo é derivado da raiz indo-europeia *sap-/sab-, que está associada a ideias de percepção, discernimento e conhecimento.

Nascentes (1955), em sua obra "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", assim declara:

SABER' — Do lat. *sapere*; esp. *saber*, it. *sapere*, fr. *savoir*. "*Saber* propriamente significa *ter gosto* e ainda aos corpos que têm essa propriedade chamamos *sápidos*, mas, como para isso se poder apreciar, é condição indispensável repetir a ação muitas vezes, daí veio sem dúvida o *sapere* substituir na boca do povo romano o *scire* dos literatos". (Nuncs, Digressões Lexicológicas, 117). Cír. Sabor, Saborear, Saboroso (Nascentes, 1955, p.452).

É no campo da percepção lógica, e não mais gustativa, que *saber* é basicamente usado no português contemporâneo. O verbo desempenha principalmente o papel de *expressar conhecimento por parte do falante*, o que o classifica como um verbo de cognição. No entanto, é importante observar que essa não é sua única função. Ao consultar as definições fornecidas pelo *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa Online*¹⁰, podemos identificar, por exemplo, distintas acepções, tais como: conhecer, ser ou estar informado, ter conhecimento geral ou específico, estar convencido, ter certeza, pressentir, ter capacidade ou possibilidade, ter habilidade, ser capaz de conseguir, guardar na memória, julgar, envidar esforços, ter prudência e sensatez, entre outros de sentido abstrato.

Alguns desses significados servem como base para a definição de outros usos do verbo *saber* na língua. Dentre tais valores, alguns são reconhecidos e foram identificados por Kapp-Barboza (2017): *saber* cognitivo, *saber* modal facultativo, *saber* modal epistêmico, *saber* evidencial de domínio comum e o *saber* marcador discursivo. Em termos gerais, como podemos observar na proposta clássica de Sheibman (2000), *saber* é prototipicamente um verbo cognitivo, integrante do mesmo grupo semântico de *pensar* e *lembrar*, como apresentado no quadro a seguir:

¹⁰ https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3.

Quadro 1: Classificação do tipo semântico do verbo

Tipo de verbo	Descrição	Exemplo
Cognição	Atividade cognitiva	Saber, pensar, lembrar, decorar
Corporal	Gestos e interações corporais	Comer, beber, dormir, fumar
Existencial	Existência, acontecimento	Ser, estar, ter, acontecer
Sentimento	Emoção, desejo	Querer, desejar, sentir, necessitar
Material	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar
Percepção	Percepção, atenção	Olhar, ver, ouvir, encontrar
Possessivo/relacional	Posse (x tem/possui y)	Ter, possuir
Relacional	Processo de ser (x é y)	Ser, ser como, tornar-se
Verbal	<i>Dicendi</i>	Dizer, falar, perguntar

Fonte: Sheibman (2000, p.67).

Tavares e Freitag (2010) também procedem a uma classificação verbal baseada em traços semântico-pragmáticos e chegam ao resultado de 15 categorias: momento, atividade específica, *dicendi*, atividade difusa, instância, estímulo mental, evento transitório intencional, evento transitório não intencional, processo, experimentação mental, atenuação, relacional, sensação corporal, existência e estado. Na categoria de “atenuação”, fazem a seguinte descrição: “distanciamento ou suavização da opinião, *achar, pensar.*” (Tavares, Freitag, 2010, p.108). Ou seja, com base na declaração das autoras, os verbos de atenuação (que são do mesmo campo semântico que *saber*) atuam em prol da modalização epistêmica. Neves (2000) também classifica *saber* como verbo cognitivo e o situa na categoria de verbos modalizadores.

Quanto à classificação referente à atitude do falante na situação do discurso, Souza (2007) afirma que o verbo *saber*, na expressão da modalidade epistêmica ou da cognição, pertence ao subgrupo dos factivos, que tomam o fato expresso na oração completiva como verdadeiro, independentemente de a oração estar na afirmativa ou negativa, com exceção das orações completivas introduzidas pela conjunção *se*. Nesses casos, o complemento de *saber* representa proposições referentes a fatos possíveis que não são verdadeiros nem falsos, como no fragmento a seguir, extraído do CdP:

- (3) O que acaba comigo é essa mania de não ter autocontrole, essa mania de ser sensível demais. E você se aproveitou da minha sensibilidade, se aproveitou do fato de, por livre descuido, eu ter me encantado por você ou *sei lá o que* foi que realmente aconteceu entre a gente. Se é que ‘aconteceu’ alguma coisa. Hoje eu tenho medo de dizer que te amei. (CdP, disponível em: <http://ahoradevirarborboleta.blogspot.com/2013/02/para-o-carinha-do-ano-passado-e-o-que.html>)

Em (3), é possível observar que o locutor avalia o conteúdo de seu enunciado como duvidoso, ou seja, não tem certeza do que realmente aconteceu entre os envolvidos. Na oração seguinte, introduz a dúvida a partir da afirmação “se é que aconteceu alguma coisa”. Trata-se de sua crença e avaliação, independentemente se verdadeira ou falsa, positiva ou negativa.

Com relação ao pronome locativo *lá*, este deriva do latim *illāc*, que por sua vez é formado pela combinação do pronome demonstrativo *ille* (aquele) com o sufixo locativo *-ac*, indicando um lugar distante. No latim, *illāc* era usado para se referir a um lugar remoto, e, ao longo do tempo, essa forma evoluiu para o português como *lá*, mantendo seu sentido de indicar um local distante em relação ao falante (Cunha, 2010).

Nos compêndios gramaticais tradicionais, *lá* é frequentemente classificado como advérbio de lugar, indicando localização mais distante. Segundo Rocha Lima (1977), *lá* é um advérbio que denota *longinquidade* em relação ao falante, e Bechara (2001) o refere como sendo de extrema mobilidade semântica e funcional.

Camara Jr. (2011, p.123) cita o locativo *lá* ao mencionar que “nossa língua tem também um sistema de locativos, ou seja, de demonstrativos em função adverbial”, referindo-se aos pronomes demonstrativos *aqui*, *aí* e *ali*. O autor destaca ainda que alguns advérbios podem ter uso conectivo e chama a atenção para diretrizes e rumos de pesquisa no tratamento dessa função relacional.

Segundo Oliveira (2018):

Mesmo nos estudos mais recentes sobre a língua portuguesa no Brasil, tais como os de Ilari et al. (1990), Neves (2000; 2002), Castilho, (2010) e Bagno (2011), a categoria adverbial é caracterizada como uma classe pouco nítida, de contornos difusos, integrada por membros muito distintos, incapazes de compartilhar maior conjunto de traços (Oliveira, 2018, p.115-116).

Ainda conforme a autora, a imprecisão categorial, característica dos advérbios, é mais acentuada no caso de *lá*:

Trata-se, prototipicamente, de um advérbio não-predicativo (Ilari et al, 1990) e não-modificador (Neves, 2000). Como marcas adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se reveste. *Lá* constitui uma proforma que, na perspectiva construcional assumida pela LFCU, atua como afixoide, como subparte mais periférica de esquemas complexos (Oliveira, 2018, p. 116).

De acordo com Batoréo (2000), além de representar distância, o termo *lá* também carrega propriedades de *granulidade vasta*, uma vez que se refere a um espaço genérico, não especificado e vago, característica que o diferencia, por exemplo, do locativo *ali*.

Acreditamos que tanto a noção de distância em relação ao espaço em que se situam os interlocutores quanto a granulidade vasta constituem elementos motivadores para o emprego de *lá* nos padrões construcionais aqui analisados, bem como em outros do português. Uma série de pesquisas na linha da LFCU vem atestando o uso de *lá* em distintos esquemas do português, com base em seu sentido de distanciamento e genericidade, como em “um negócio lá” (Aguiar, 2015), “vamos lá” (Teixeira, 2015), “lá vem” (Rocha, 2016), “espera lá” (Rosa, 2019), “para lá de bacana” (Paula, 2021), “olhe lá” (Sambrana, 2021) e “quero lá” (Lemos, 2022), por exemplo.

Pressupostos teórico-metodológicos

A LFCU, conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022), entre outros, resulta da junção dos pressupostos teóricos do Funcionalismo clássico, de vertente norte-americana, e da Linguística Cognitiva, com particular interesse na Gramática de Construções (GC). Segundo Rosário (2022, p. 98): “As contribuições da GC são tão importantes para os nossos trabalhos que, atualmente, dizemos que a LFCU adota uma abordagem construcional da gramática”.

Desse modo, a união das referidas correntes, que culmina na LFCU, integra de vez a pragmática, a semântica e o componente formal em suas análises, destacando a íntima relação entre a estrutura linguística e os usos efetivos que os falantes fazem em situações reais de comunicação, ou seja, em contextos de uso. Desse modo, compreendemos que a LFCU trata o fenômeno linguístico como produto e processo da interação humana, reconhecendo a dinâmica e a complexidade inerentes à comunicação linguística.

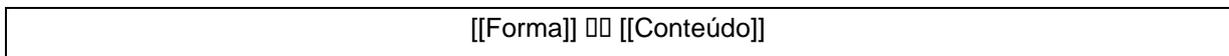
Consideramos, portanto, que a perspectiva da LFCU constitui uma abordagem teórica que oferece contribuição relevante para a análise dos nossos objetos de estudo, quais sejam as instâncias de uso das construções $[sei\ lá]_{MD}$ e $[(S)\ V_L(X)\ sei\ lá_{adj}]_{OPN}$. Nesse sentido, além de propriedades estruturais, levamos em conta fatores de natureza pragmático-discursiva e cognitiva em nossa análise.

Na LFCU, a língua é entendida como um inventário de construções, definidas estas, segundo Goldberg (1995; 2006), como pareamentos convencionalizados de forma e conteúdo¹¹. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) também conceituam a construção como unidade convencionalizada. A proposta dos autores, inspirada em Croft (2001), postula que a construção, como unidade básica da língua, tem dois polos: forma (F) e conteúdo (C). No polo F, estão SIN(taxe), MORFO(logia) e FONO(logia). Já o polo C é integrado por DIS(curso),

¹¹ Estamos adotando o termo geral *conteúdo*, conforme propõem Rosa e Oliveira (2020), no lugar de outros rótulos que também são usados na literatura da área, como *sentido*, *função* ou *significado*.

SEM(ântica) e PRAG(mática). Abaixo, a representação dos autores para seu modelo de construção:

Esquema 1: Representação da construção



Fonte: Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 36).

No Esquema 1, a flecha de dois lados representa o elo de correspondência simbólica entre o eixo da forma e o eixo do conteúdo de uma construção. Já os colchetes externos se referem à convencionalização da unidade como pareamento.

Construções podem ser caracterizadas a partir de diferentes dimensões. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) definem três, com três componentes em cada uma, que variam em tamanho, grau de especificidade fonológica e conceptualização. Podemos compreender melhor a partir do quadro adaptado para o português por Rosário e Oliveira (2016, p.240):

Quadro 2: Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (plural)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (plural), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

De acordo com o Quadro 2, em relação ao *tamanho*, que diz respeito à constituição morfossintática, as construções podem ser atômicas, complexas ou intermediárias. As atômicas são monomorfêmicas, como o exemplo da palavra *café*. As complexas são formadas por *chunks* analisáveis (Bybee, 2016 [2010]), como $[sei\ lá]_{MD}$ e $[(S)\ V_L(X)\ sei\ lá_{adj}]_{OPN}$.

Os traços substantivo, esquemático e intermediário, da dimensão de *especificidade fonológica*, dizem respeito ao grau de preenchimento de uma construção. Esta pode ser completamente especificada, como $[sei\ lá]_{MD}$; completamente esquemática, como $[VLoc]_{MD}$, que é o nível mais esquemático da construção por nós investigada, ou como o padrão oracional do português [SVO], composto por sujeito, verbo e objeto; e intermediária, como [(S)

$V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN}, por exemplo, em que temos três *slots*¹² e uma parte final preenchida.

Por fim, a dimensão de *conceptualização* diz respeito aos polos do léxico (conteudista) e da gramática (procedural). Levando em conta nossos objetos de pesquisa, podemos dizer que tanto [sei lá]_{MD} quanto [(S) $V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN} são construções procedurais, dado que se situam no polo gramatical, com a construção MD em estágio mais avançado, uma vez que atua no nível pragmático, fora do eixo sintático.

Em termos cognitivos, conforme Bybee (2016 [2010]), destacamos três processos de domínio geral que impactam mais diretamente os padrões de uso de “sei lá” no português contemporâneo. O primeiro deles é a *categorização*, referente ao grau de similaridade ou identidade entre constituintes linguísticos, que se relaciona também com a categorização prototípica assumida pelos estudos funcionalistas. Nesse sentido, constatamos que nossos objetos de pesquisa se situam em duas classes distintas do português: a dos MD, como ilustrado em (1), e a dos adjetivos atributivos, como em (2). O segundo processo que destacamos é o *chunking*, segundo o qual termos constantemente usados em sequência tendem à forte vinculação semântico-sintática, na constituição de uma só unidade de forma e conteúdo, tal como ocorre com “sei lá” na língua. O terceiro processo é a *analogização*, fundado na premissa de que novas formas de dizer são criadas, via de regra, com base em padrões já convencionalizados. Assim, por exemplo, podemos considerar, de acordo com Teixeira (2015), que o MD [sei lá] é um *type* específico do esquema geral [VLoc]_{MD}, levantado em fontes do português pela primeira vez no século XVI por intermédio do MD [vem cá]. De outra parte, o uso adjetivo do *chunk* “sei lá” em [(S) $V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN} decorre do fato de preencher uma subparte predicativa na construção oracional convencionalizada na língua [(S) $V_L(X)$ P]_{OPN}.

Em relação aos procedimentos de coleta dos 348 dados para análise, no CdP, operamos da seguinte maneira: digitamos “sei lá” no campo de busca disponível e em seguida clicamos em *pesquisar*. O resultado da busca prontamente demonstrou a alta produtividade *token* do objeto de pesquisa, nos fornecendo precisamente 18.277 instanciações de *sei lá* em menos de um segundo. Porém, com vistas a uma análise qualiquantitativa, selecionamos os 200 primeiros dados para investigação. Constatamos algumas ocorrências repetidas de diferentes portais, o que nos levou ao descarte desses excertos, o que redundou em 148 contextos de uso para análise.

Em relação ao site *X*, a busca foi bem mais dinâmica. Trata-se uma rede social muito volátil, em constante uso, com os dados atualizando-se a cada minuto, de modo que traçamos um período de busca determinado para maior rigor metodológico. Para a realização da busca, inserimos a palavra-chave “sei lá” entre aspas no campo *buscar*, no canto superior direito da

¹² Termo que nomeia uma parte aberta da construção, codificada com maiúscula, que pode ser ocupada por elementos distintos. Quanto mais *slots* tiver um padrão construcional, mais esquemático ele é.

página inicial. Colocamos a palavra-chave entre aspas para que o algoritmo nos entregasse apenas a expressão justaposta, sem permitir elementos intervenientes ou, eventualmente, perfis que tivessem os elementos da palavra-chave em seu *nickname*. Para maior acuracidade, no canto superior direito, no item *Localização*, selecionamos a opção “perto de você”, a fim de que fossem levantados dados do português brasileiro. Estabelecemos o recorte do dia 13 de setembro de 2023 ao dia 28 de fevereiro de 2024, o qual se mostrou prazo suficiente para nosso levantamento de 200 ocorrências.

[Sei lá]: da marcação do discurso à predicação nominal

Esta seção se inicia pela análise das instanciações de [sei lá]_{MD}, que se configura como o padrão mais produtivo no conjunto dos 348 dados investigados. A seguir, apresentamos instanciações da construção [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, de menor frequência e somente levantada no site X. Por fim, trazemos um pequeno conjunto de dados de contextos *críticos*, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), nos quais se registram ambiguidades múltiplas que dificultam categorização mais precisa. Ao longo dos comentários qualitativos, trazemos informes quantitativos, que se voltam para a produtividade dos padrões pesquisados.

[sei lá]_{MD}

A construção MD corresponde a 95,41% dos dados, o que representa 312 instanciações levantadas. Os 148 dados coletados no CdP constituem instâncias desse padrão construcional.

Partimos das quatro propriedades dos MD estabelecidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para classificar [sei lá]_{MD}: formato invariável, independência sintática, distinção prosódica e função metatextual, voltada para a negociação de sentidos discursivos entre os interlocutores. Trata-se de usos como (4):

- (4) Percebi que tive uma vida muito mais intensa do que pensava e que já fiz muitas coisas diferentes umas das outras. A minha vida não teve um cara só, mudei muito e experimentei várias possibilidades. Assim como você, acredito que devemos aprender com os acontecimentos e encaro os obstáculos dessa forma (ou tento, *sei lá!*). (CdP).¹³

Em (4), constatamos o uso de *sei lá* marcando o discurso em tom de atenuação. A locutora discorre sobre o que já fez na vida, suas vivências e experiências em geral. Seu conselho parece ser sobre relacionamentos, pelo fato de mencionar que sua vida “não teve um cara só”. Ela encerra a declaração com o uso de “sei lá” como MD em uma estrutura parentética. Constatamos que tal estratégia discursiva modaliza seu posicionamento.

¹³ Disponível em: <http://365ideiasparavivermelhor.blogspot.com/2012/09/67-escrever-um-resumo-da-minha-historia.html>.

Em (5), levantamos um dado com a mesma função, qual seja, de tom de atenuação, no *corpus X*:

(5) O significado disso aqui. Que bom que a Globo “impõe goela abaixo” do país e mostra isso. E que triste que tem gente que tenta comparar isso aqui com, *sei lá*, um show do Matuê. Com todo respeito ao Matuê. Nunca serão. Jamais serão.

Em resposta a:

Mães de Marielle e de outras vítimas da violência no Rio desfilam em carro da Portela <http://glo.bo/3SX3QvG> #g1 #carnavalnog1 (X, @fpcoliveira, publicado em: 12/02/2024)

O contexto dessa instanciação é o desfile de carnaval de 2024 do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro. Marinete Silva, mãe de Marielle Franco, desfilou na avenida pela Portela e carregou consigo a frase “Marielle Vive”. O internauta, que provavelmente estava vendo o desfile, fez o registro em sua rede social. Em tom opinativo, @fpcoliveira aparenta estar satisfeito com o desfile das escolas por conta desse cunho político e o compara com o show do Matuê, reprovado pelo internauta. Contudo, levando em consideração que a publicação foi no X, rede social marcada por discussões, e por estar comentando sobre um artista nacionalmente conhecido como o Matuê, que só no Instagram conta com mais de 10 milhões de seguidores, ao tecer sua opinião sobre o assunto, o locutor marca seu discurso com tom atenuador. Também podemos perceber essas marcas em “com todo o respeito”.

Já no dado (6) observamos distinções em relação aos papéis discursivo-pragmáticos do MD [*sei lá*]:

(6) Boa noite, hoje resolvi procurar sobre esse assunto que não sabia que existia essa encoprese, tenho uma filha de 7 anos e ela tem feito 2 a 3 vezes cocô na calcinha, antes ela fazia 1 vez, deu uma parada um tempo e depois voltou parece pior, às vezes qdo vai na casa de coleguinhas bem perto de casa ou até mesmo dentro de casa ela faz, em essa noite passada ela acordou no meio da noite para se lavar porque fez um pouco de cocô na roupa, antes achava que era preguiça dela ou *sei lá*, agora estou ficando mais preocupada do que nunca e nem sei mais o que fazer, já conversei, já coloquei de castigo, já até bati achando que era preguiça dela... (CdP).¹⁴

Nesse excerto, temos um exemplo em que “*sei lá*” exprime incerteza. Trata-se de um comentário veiculado no blogue de uma psicóloga. A mãe, que faz o comentário, diz-se preocupada com a situação da filha sobre uma possível encoprese. A cena comunicativa é moldada por incertezas, que podemos constatar através das expressões “não sabia que existia”, “antes achava”, “nem sei mais o que fazer”, além das inúmeras tentativas de fazer a

¹⁴ Disponível em: <http://adrianaribessipsicologia.blogspot.com/2009/03/encoprese-caracteriza-se-pela-repetida.html>.

filha parar de sujar a calcinha: “já conversei, já coloquei de castigo, já até bati”. E é nesse contexto que “sei lá” é usado, na expressão do estado de incerteza da mãe sobre o que mais fazer.

Na rede social X, encontramos usos similares, como o seguinte:

(7) o Bronson Reed vai ficar de fora do PPV em plena Austrália? WOW, não esperava isso. devem arrumar algum lugar pra ele, singles com o Sami talvez? *sei lá*, achei que fosse vencer hoje (X, @FelipeOfTheYear, publicado em: 12/02/2024.)

Em (7), o tom de incerteza não se expressa somente pelo MD “sei lá”, mas é contextualmente construído através de outras estratégias discursivas. Na declaração do locutor, podemos encontrar marcas de dúvida e incerteza, como as perguntas e o uso da interjeição de surpresa “WOW”, ao descobrir que Bronson Reed ficaria de fora do PPV na Austrália. Há também marcas de modalização epistêmica, como *talvez* e *achei*. Assim, nesse contexto, o MD “*sei lá*” concorre para a expressão da incerteza e da falta de clareza que @FelipeOfTheYear tem sobre o tópico comentado.

Outro sentido contextualmente expresso por [sei lá]_{MD} é o de descompromisso. Encontramos mais dados desse tipo de uso no site X do que no CdP. Acreditamos que tal diferença reside nas propriedades pragmático-discursivas de cada uma dessas fontes. O *Corpus do Português: web/ dialetos* é composto, de maneira geral, por textos veiculados em blogs, sejam publicações, sejam comentários. Por esse motivo, quem está publicando ou comentando, via de regra, tem interesse no assunto/tema do portal. O perfil do X é diferente. Nessa rede social, os internautas, via de regra, fazem declarações mais descontraídas e menos monitoradas. Trata-se de um tipo de ambiente virtual em que não costumam assumir maior responsabilidade ou compromisso sobre o que falam ou publicam. Outro ponto a ser levado em consideração é o campo destinado à resposta para a seguinte pergunta: “o que está acontecendo?”. O usuário pode interpretar tal pergunta como uma indagação direta e responder descontraidamente, como em (8):

(8) *sei lá*, sabe ? tô ficando biruta (X, @julenha_021, publicado em 12/02/2024).

Ou como no fragmento (9):

(9) Eu acho essa Mariana de Renascer uma personagem tão ruim kkkkkkkk *sei lá* falta uma construção pro público comprar essa espécie de vingança dela, queria que o remake tivesse feito uma coisa sobre tudo que aconteceu pelo ponto de vista dela (X, @danieldilaurent, publicado em: 09/02/2024).

Em (9), o internauta comenta acerca da personagem Mariana, da novela *Renascer*, interpretada por Theresa Fonseca. Ele considera que faltam elementos para maior simpatia do público em relação a essa personagem. Após a marcação de riso “kkkkkkkk” e antes de dar sua opinião, o internauta faz uso de “sei lá”. Identificamos que, nesse contexto, o MD atua em prol da descontração e do descomprometimento com o que está sendo dito, quase que um: “não liga para o que eu estou falando”. Ressaltamos que, em boa parte dos usos instanciados pelo MD “sei lá” no *site X*, constatamos a estratégia de proteção de face dos (inter)locutores.

Dos 200 contextos de uso levantados no *site X*, 164 ilustram instanciações de [sei lá]_{MD}, o que atesta a expressiva produtividade dessa construção em relação a [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Trata-se de praticamente 92% dos dados, o que se aproxima dos 100% dos contextos de “sei lá” MD no CdP.

[(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}

Esse padrão de uso é atestado em somente 15 dados do total de 200 coletados no *site X*. O X é caracterizado por textos curtos (até por conta da obrigatoriedade e limitação do número de 140 caracteres) e diretos. Trata-se de um ambiente discursivo menos monitorado e mais livre, que se aproxima do formato das interações na língua falada. Com esse perfil, o X motiva usos linguísticos inovadores, que refletem as necessidades comunicativas mais imediatas dos usuários, na busca por expressividade e convencimento.

Estamos nos referindo a usos como (10):

(10) Hoje eu estou absolutamente *sei lá* Sabe quando você tá *sei lá*? Não sabe explicar e só está? Tô assim... meio *sei lá* (X, @Kiteluiamaza, publicado em: 28/03/2024)

O dado (10) ilustra três instanciações de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, nos termos aqui assumidos. Na primeira, constatamos que @Kiteluiamaza escreve claramente, sem abreviações como em outros exemplos, e até mesmo com a presença do pronome pessoal – o que marca a estrutura – “eu estou absolutamente *sei lá*”. Nesse caso, *sei lá* cumpre a função sintática de predicativo do sujeito, denotando o estado emocional em que se encontra o sujeito da oração. Assumimos que, em tais usos, é atribuído a “*sei lá*” a semântica de algo que não pode ser referido no português a partir dos membros do paradigma de adjetivos mais prototípicos e que represente o sentimento do locutor no momento em que faz a publicação. Na segunda instanciação, o locutor instancia [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN} em forma de pergunta, mantendo a mesma codificação estrutural. Na terceira, o locutor reforça mais ainda seu estado emocional, atenuando um pouco sua expressão por conta da anteposição de *meio* a “*sei lá*”.

A seguir, trazemos a postagem correspondente a (10), tal como publicada no X:

Figura 1: Imagem do fragmento (10) no site X



Fonte: X, @Kiteluiamaza.

Como podemos observar na Figura 1, outra usuária comenta que se sente da mesma maneira no momento, isto é, “se sente *sei lá*”. Como constatamos pela Figura 1, @Kiteluiamaza responde @JKultemberg com um emoji, não triste, mas também não feliz. Nos 15 dados levantados no X desse padrão de uso, todas as instanciações têm carga semântica negativa, na expressão de indecisão, incerteza ou mesmo melancolia, um sentimento que não se sabe ao certo.

Tal jogo interativo pode ser abordado à luz da *inferência sugerida ou convidada*, nos termos de Traugott e Dasher (2002). De acordo com os autores, expressões intersubjetivas são manifestações de convites que locutores fazem a interlocutores em meio a interações. A inferência sugere “uma espécie de acordo tácito, no plano interacional, em que os interlocutores negociam sentidos e crenças, em nível de maior abstração, para além do plano momentâneo interacional” (Oliveira, 2018, p. 115).

É o que constatamos também no dado a seguir, em que posposto ao MD [*sei lá*] se encontra o MD *sabe*, que atua como um tipo de chamamento ao interlocutor para a partilha do estado emocional do locutor:

(11) Tô tão *sei lá* sabe, um pouco triste (X; @GFSRDS. Publicado em: 11/02/2024).

Declaramos anteriormente que, em usos como MD, podem ser atribuídas a [*sei lá*] marcas pragmáticas que representam, discursivamente, vagueza, indefinição ou negação,

entre outras. Constatamos também que [sei lá] é uma unidade única de forma e conteúdo, altamente vinculada em suas subpartes, de modo que elas são lidas como um só bloco de informação. Assim, postulamos que o falante, que já tem em seu conhecimento linguístico a construção MD [sei lá], mais produtiva e de uso generalizado na língua, encontra nesse pareamento o termo ótimo para expressar o que sente na construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN} via analogização. Nesse sentido, o *chunk* [sei lá] é recrutado para preencher o *slot* P, a subparte final atributiva da construção de predicado nominal, passando a assumir, por consequência dessa analogização, traços de adjetivo.

Contextos críticos do *chunk* “sei lá”

No site X, dos 200 dados levantados, 21 deles, correspondentes a 10% do geral, são considerados contextos permeados por ambiguidades semântico-sintáticas. Nesses fragmentos, [sei lá] fica a meio caminho de uma função MD e de um papel atributivo, como adjetivo. De acordo com Diewald e Smirnova (2012), tais contextos constituem etapas de mudança linguística previstas rumo à possível convencionalização de uma nova construção na língua. São usos situados em posição marginal e meio indistintos em termos paradigmáticos.

Ressalvamos que, ainda que a pesquisa aqui apresentada assuma perspectiva sincrônica, conforme Bybee (2016 [2010]), podemos considerar que tais contextos, hipoteticamente tomados como etapas de mudança que convencionalizaram [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, são evidências da gradiência exibida no português contemporâneo. Segundo Rosário e Lopes (2023), os contextos críticos levantados em nossa pesquisa podem ser tratados a partir do viés da *construcionalidade*, pressuposto formulado pelos autores para dar conta de relações sincrônicas entre construções de modo que se possa postular que uma é fonte para outra na trajetória da língua. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

- (12) Tô *sei lá* quantos dias esperando, preparada (X, @pqsimika, publicado em: 13/02/2024).
- (13) Esse carnaval tá tão, *sei lá né*. (X, @Crissmottaa, publicado em: 10/02/2024).

Em (12), é possível observarmos distintos níveis de integração sintática entre *sei lá* e o restante do enunciado. Constatamos marcas de dúvida, incerteza e modalização – que parecem serem intrínsecas a “sei lá”, porém não o consideramos ainda uma instanciação de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. O predicativo do sujeito, neste caso, é “preparada”, e “sei lá quantos dias” parece ser um parentético de circunstanciação temporal. Semanticamente, podemos destacar sentido negativo, de modo que “sei lá”, em (12), se aproxima do sentido de “não sei”. Em termos sintáticos, “quantos dias” é complemento de “sei”, de modo que “sei lá quantos

dias” parece ser um *chunk* de outro tipo de pareamento, pertencente ao padrão parcialmente esquemático [sei lá (det) X], o que reforça a ambiguidade semântico-sintática do dado em análise, destacando sua criticidade. Temos ainda em (12) a possibilidade de relacionar “tô” a “esperando”, o que demonstra a ambiguidade semântico-sintática que marca esse fragmento.

Já em (13) a criticidade contextual é atestada pelo relativo desgarramento de “sei lá” do enunciado, com pouca contribuição para o valor de verdade da proposição. Em um primeiro momento, o uso do intensificador “tão”, precedido pelo verbo “estar” em sua forma reduzida “tá”, sem predicativo, faz pensar que estamos diante do uso de predicador nominal. No entanto, a vírgula antes de “sei lá” o separa da oração anterior, de tal modo que “tá” surge sem complemento, de maneira vaga e imprecisa, o que destaca a ambiguidade múltipla desse contexto.

Considerações finais

Neste artigo, nos debruçamos sobre dois padrões construcionais instanciados no português contemporâneo do Brasil a partir do *chunk* [sei lá]: [sei lá]_{MD} e [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Verificamos que se trata de esquemas procedurais e complexos, sendo o primeiro de maior produtividade na língua.

Com base na LFCU, classificamos e analisamos tais padrões a partir de dois *corpora*: o CdP, com o levantamento de 148 dados, e o site X, com 200 dados. Constatamos a maior frequência de instanciações de [sei lá]_{MD} em ambas as fontes: na totalidade de dados do CdP e em 164 dados do site X. Nesses usos, o traço cognitivo do verbo *saber* e o sentido de distanciamento e vagueza do locativo *lá* concorrem para a convencionalização de um pareamento que marca o discurso com efeitos pragmático-discursivos de atenuação, incerteza e descompromisso, entre outros.

Com relação à construção [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, constatamos que se trata de um padrão bem menos frequente na língua, com 15 registros no site X. Assumimos, com base em Rosário e Lopes (2023), na perspectiva da construcionalidade, que esse padrão resulta de um processo de analogização, por intermédio do qual o *slot* P do esquema [(S) V_L (X) P]_{OPN} é preenchido pelo *chunk* [sei lá]. Assim codificado, [sei lá] atua como predicativo, expressando o estado emocional indefinido ou vago do locutor. O fato de esse padrão ter sido levantado somente no site X pode ser motivado pelas propriedades das interações nesse ambiente virtual, marcado por informalidade, rapidez e volatilidade.

Detectamos ainda, entre os 348 dados, 21 contextos críticos, caracterizados por ambiguidades semântico-sintáticas que não nos permitiram classificação mais precisa. Trata-se de usos difusos, em que ambiguidades múltiplas, ao nível do sentido e da forma, concorrem para distintas possibilidades interpretativas. Com base na LFCU, podemos hipotetizar que tais contextos se encontram em rota de mudança linguística rumo ao esquema

[(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Esses estágios críticos são registrados no português contemporâneo e se constituem em mais uma evidência da gradiência da língua (Bybee 2019 [2010]).

Os resultados aqui apresentados abrem caminho para novas investigações, como, por exemplo, para a investigação histórica de nosso objeto de pesquisa, que poderá atestar se propriedades construcionais de [sei lá]_{MD} motivaram, de fato, a analogização de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Essa tarefa está na ampla e desafiadora agenda de pesquisas da LFCU, junto a outros empreendimentos investigativos em prol da proposição da rede construcional da língua em termos mais gerais.

Referências

- AGUIAR, M. T. **A construcionalização lexical *SNLoc atributiva* e sua instanciação no português**. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA LACERDA, P. F. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. esp., p. 83-10, 2016.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.
- FURTADO DA CUNHA, M.; BISPO, E.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B; KALTENBOCK, G; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

KAPP-BARBOZA, A. M. M. **Usos do verbo Saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2017.

LEMOS, B. R. **Instanciação de [(eu) quero lá V_{inf}]**: uma análise funcional no português contemporâneo. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. v. 2. Rio de Janeiro, 1955.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide lá em construções do português – perspectivização espacial e (inter)subjeficação. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo linguístico: interfaces**. São Paulo: Pontes, 2023.

PAULA, V. B. **A construcionalização de grau intensivo [[p(a)ra lá de] [X]] no português**. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

ROCHA, R. A. **O esquema LocV_{connect}**: mudanças construcionais e construcionalização. 2016. 124 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSA, F. S. L.; OLIVEIRA, M. R. “Alto lá”: a construcionalização de um marcador discursivo na língua portuguesa. **Work. Pap. Linguíst.**, v. 21, n. 1, p. 17-42, 2020.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**. Niterói: Eduff, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: Eudfro, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português**. 2021. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.

SOUZA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”**. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R, M, K.; Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010.

TEIXEIRA, A. C. **A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem – Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Sobre os autores

Mariangela Rios de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

Possui graduação em Letras Português Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Tem pós-doutorado na Universidade Aberta (Lisboa). É professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. É docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF e foi professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/ Faculdade de Formação de Professores, de 2019 a 2021, e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFOP, no ano de 2023. É bolsista PQ 1B do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj.

Cristian Matias do Nascimento Corrêa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5616-4085>

Formado em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) com bolsa de estudos fomentada pela CAPES e membro do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (DG-UFF).

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.